

Juros da dívida brasileira atingem ponto mais baixo

'Spread' sobre títulos americanos de 30 anos é o menor desde lançamento de 'brady bonds', em 94

Marcelo Aguiar

• Os juros exigidos pelos bancos internacionais para aceitar títulos da dívida brasileira atingiram ontem o seu ponto mais baixo na história. Os papéis brasileiros de maior liquidez, os C-Bonds (*capitalization bonds*) eram negociados ontem em Nova York com um *spread* de apenas 5,95% ao ano sobre a taxa over dos *long bonds*, os títulos de 30 anos da dívida dos Estados Unidos. É o *spread* mais baixo desde 94, quando o país aderiu ao plano do ex-secretário do Tesouro americano Nicholas Brady e trocou sua dívida antiga por novos títulos, com desconto no valor de face e redução nas taxas de juros cobradas.

O principal estímulo para a valorização dos bônus brasileiros foi a aprovação do programa de recompra dos papéis, que serão substituídos por títulos novos. O formato não está definido, mas a aprovação no Senado foi um sinal de que a troca é questão de tempo. Para o mercado, isto significa que o Governo brasileiro vai oferecer vantagens aos bancos para convencê-los a devolver os títulos antigos e aceitar os novos.

O preço dos C-Bonds no fechamento era de 68,375% de seu valor de face. Esse percentual só foi atingido em fevereiro deste ano, quando os juros dos *long bonds* estavam em cerca de 6% ao ano. Este mês a taxa oscilou sempre acima dos 7% ao ano, com picos de até 7,2%. Na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), em São Paulo, a cotação dos contratos futuros de C-Bonds foi a 68,02, a maior desde a criação do contrato, no início do ano.

A análise que o mercado faz do Risco Brasil também melhorou. Rolando sua dívida com papéis novos, o Brasil tem a oportunidade de reduzir o seu custo e melhorar suas contas. A própria operação da troca de títulos, se for bem-sucedida, serve como

cartão de visitas do país para o mercado internacional.

— A percepção do mercado sobre o risco do país melhora imediatamente se os grandes investidores disputarem os novos títulos — explica um analista do mercado de *Brady bonds*.

Um outro fator, originado nos Estados Unidos, ajudou ontem a promover a alta dos títulos do Brasil e dos demais países endividados. Foi a divulgação de dois índices sobre a inflação e o desemprego nos EUA, que revelaram uma economia aquecida, mas sem pressões inflacionárias exageradas. Com isso, o mercado passou a apostar em um comportamento mais conservador do Federal Reserve (o Banco Central americano) em sua próxima reunião, com um reajuste menor nas taxas de juros americanas.

Juros dos "long bonds" fecharam a 7,10% ontem

Os juros dos *long bonds* caíram de cerca de 7,15% ao ano, nos últimos dias, para 7,07%, em seu ponto mais baixo. No fechamento a taxa era de 7,10%. Isso quer dizer que, no planejamento de seus negócios, os investidores deverão destinar menos dinheiro aos títulos americanos e aumentar suas apostas nos *brady bonds*. Houve uma forte procura pelos títulos da dívida argentina, os FRB, que estavam com os preços deprimidos desde a crise causada pela saída do ex-ministro da Economia Domingo Cavallo.

A queda dos juros americanos estimulou também uma forte alta nas bolsas. O índice Dow Jones, de Nova York, esteve a apenas dois pontos de superar seu recorde histórico, de 57.996 pontos, e fechou pouco abaixo, a 57.972. No Brasil, o Ibovespa subiu 0,47% e o IBV, do Rio, 0,52%. A apatia, entretanto, deu o tom do mercado local. Foram negociados apenas R\$ 308 milhões em São Paulo e R\$ 40,4 milhões, no Rio. ■